

IMPRINTING EM AVES?

Imprinting é uma palavra da língua inglesa que poderia ser "gravando na mente" e não há tradução exata para o português; costuma-se utilizar essa expressão quando se detecta um comportamento diferente da ave no seu relacionamento com o ambiente. Assunto, a nosso ver, com respeito a aves brasileiras, muito pouco estudado e que deveria merecer uma atenção mais acurada por parte de quem de direito. Será que estaria aí uma das bases dos processos de surgimento de novas espécies?



Na realidade, o *imprinting* poderia ter origem em algum tipo de interferência sofrida por algo não habitual no desenvolvimento da ave; isto é, por fatores aleatórios, o indivíduo estaria debaixo de uma ação estranha às condições normais no processo de sua vida, em especial no seu primeiro ano de vida.

Após mais de cinquenta anos de convivência e observações que fizemos no que se refere à vida das aves, pudemos constatar, de uma forma ou de outra, algumas evidências interessantes. Vamos tentar resumir nesse texto o que depreendemos com respeito a esta questão.

Assim, na natureza, este fenômeno pode acontecer a partir de alguns fatores favoráveis que teriam sua origem na caça predatória e degradação ambiental ou seria também, uma forma de evolução natural, por exemplo: um filhote fruto de cruzamento entre espécies diferentes. Isto mais ocorre em locais onde a fêmea de uma espécie não encontra um macho para pareamento e aceita a gala de um bicho diferente, não convivem, mas geram os filhotes advindos da respectiva cópula.

Neste caso, não se acasalam por causa da linguagem que é diversa, não conseguem se comunicar ou se integrar, bem como, se alimentam diferentemente, por isso é que apenas exercem o ato sexual pela libido despertada na fêmea, (*forte pressão inata para a reprodução*), independente da normal acasalação com um macho de igual espécie. A explicação da inexistência da inteiração pelo acasalamento, seria provavelmente, uma das formas de se manter as espécies em pureza nos ambientes naturais.

No entanto, no caso dos passeriformes, diante do exercício da citada longa experiência, convivência e observação, podemos afirmar que conhecemos dezenas desse tipo de anomalia oriunda de origem autenticamente silvestre.

Naqueles que pudemos examinar e pesquisar notamos que assumem a vocalização e o comportamento da espécie da mãe. Por exemplo: se for criado por uma bicuda (cruzamento de curió -*Oryzoborus angolensis*- macho x bicudo -*Oryzoborus maximiliani*- fêmea) ele aprende com facilidade o canto do bicudo; se for criado por uma chorona (cruzamento do chorão -*Sporophila leucoptera*- macho com curió fêmea) aprende com facilidade o canto do curió.

O interessante é que todos os passeriformes dos gêneros *Oryzoborus* e *Sporophilas* cruzam entre si e esses híbridos ou mestiços são férteis em cem por cento dos casos. Provindos da natureza, tivemos a oportunidade de conhecer, vimos, examinamos e pesquisamos sobre muitos deles, por exemplo: Curió X Coleira do Brejo (*Sporophila collaris*); Curió x Bigodinho (*Sporophila lineolar*); Curió x Coleiro (*Sporophila cearulescens*); Curió x Caboclinho (*Sporophila bouvreuil*); Curió x Patativa (*Sporophila plumbea*), entre outros. Ainda mais: quase sempre o mestiço de outros *Sporophila* com curió advêm de cruzamento com o curió fêmea, a exceção com o bicudo quando a fêmea, em sua maioria é a do bicudo.

Todos esses indivíduos ficam **imprintados** e têm, como dissemos, propensão a cantar os dialetos da espécie de sua mãe, que tem com o filhote, ainda no ninho, interação de vocalização e afeto. O fato, porém de serem férteis e de aprenderem a linguagem da mãe nos leva a perguntas: Por quê seria? Ora, nesse mundo nada acontece por acaso. Quem sabe, seria a natureza, trabalhando em favor da preservação.

Isto é, um filhote mestiço cruzando com sua mãe, iria, depois de quatro, cinco gerações, conseguir buscar a recomposição da respectiva população? Seria o F5 dela, quer dizer um bicho de aproximadamente cem por cento de pureza. Ou seria daí que poderiam surgir novas formas de indivíduos, as novas espécies ou subespécies?

Em domesticidade há alguns poucos criadores que se dedicam a obter ou manter esse tipo de pássaro, e daí as observações que fazemos encontram respaldo na pesquisa que fizemos nos exemplares que estão em poder dos ornitocultores, para qualquer tipo de comprovação, quanto ao aprendizado de canto e à fertilidade.

Assim, vimos que são plenamente férteis os produtos dos cruzamentos curió x bicudo; curió x chorão; e curió x coleiro do brejo; mesmo que cruzados entre si. Explicando melhor: há casos em que, experimentalmente, foi cruzado um Chorió

(Chorão x Curió) fêmea, com um Bicurió (Bicudo x Curió) macho e os filhotes nasceram e ficaram como a mãe **imprintados** para o Curió.

Outro fato interessante: alguns criadores, para salvar ovos de curió (em pureza) fecundados e abandonados, por falta de opção os colocaram para serem chocados por bicudas. Invariavelmente ficaram, por causa do processo adotado no choco, **imprintados** pelas bicudas.

Também acontece o contrário, quando filhotes de bicudos são nascidos debaixo de fêmea de curió. Esse tipo de animal, embora geneticamente puro, não entende a linguagem da sua própria espécie, canta o dialeto e só acasala com a raça de sua mãe adotiva, é realmente impressionante esse fato. Nessas condições, conhecemos alguns curiós que cantam bicudo e vice-versa.

Outro caso estranho: conhecemos curiós que foram cuidados e chocados por fêmea de canário da terra - *Sicalis flaveola* - espécie muito diferente no aspecto e no comportamento - e assim igualmente ficaram **imprintados** cantando de estalo, cortejando e manifestando a libido apenas para fêmeas de canários.

Numa ocorrência, mais esquisita ainda, com bicudos nascidos domésticos, que totalmente isolados (*sem nenhuma referência*) quando filhotes ficaram em locais onde presenciavam em torno de si, a movimentação e a algazarra de colônias de pardais - *Passer domesticus* -, assumiram, na fase adulta, a linguagem e se interagiram com eles. Passaram a cantar os trinados estranhos e só fazem a corte (ritual de acasalamento) para pardal. Vimos, inclusive, bicudos machos aceitando somente como parceira fêmea de pardal.

Causa-nos, todavia, outra indagação, o fato de não haver interferência no comportamento de um Chupim (*Molothrus bonariensis*) com o Tico-Tico (*Zanotrichia capensis*). Supomos que o motivo é que eles, logo após se separarem de sua mãe postíça, por instinto, se juntam em grandes bandos nômades e ficam muito tempo nessa situação, e aí encontrariam a necessária interação com a sua respectiva espécie.



Por isso, aconselhamos aos criadores que cuidam dos filhotes no tratamento em seringa (ou palito) isolados das mães, por um motivo ou por outro, que os agrupem em lotes de aproximadamente dez indivíduos da mesma espécie até os nove meses de idade. Esse procedimento propiciará o relacionamento recíproco e pela inteiração que terão possam, na grande maioria, se livrar de eventual *imprinting* indesejado.

Há ainda o *imprinting* de aves com o ser humano, papagaios, araras, periquitos, tucanos são exemplos maiores dessa anormalidade. Criados desde filhotinhos como *pets* "na mão" aprendem até a balbuciar e repetir palavras que lhes são ensinadas, o que vem a comprovar a possibilidade do estranho aprendizado da linguagem e do estreito relacionamento de carinho e de acasalamento.



Já para os passeriformes, o Pássaro Preto - *Gnorimopsar chopi* e o Corrupião - *Icterus jamacaii*, são os mais susceptíveis a serem *imprintados*; aprendem a cantar hinos, chamam cachorro, reconhecem as pessoas e assim por diante. Essas constatações lhes causa uma dependência muito grande e ficam assim fragilizados na eventual falta do seu amo.

Por isso, sentem muita dificuldade no caso de eventuais devoluções à natureza; é preciso muita paciência, instalações apropriadas, técnicos e expertos que estejam dispostos a efetivar as ações necessárias ao intento.

Quanto à utilização para a reprodução doméstica, há também dificuldades adicionais porque os indivíduos muitas vezes não reconhecem como par um outro exemplar de sua espécie; todavia, levando em conta que o instinto é um guia maior, que explorado juntamente com um manejo adequado, podem levar a se obter sucesso na empreitada.

Acreditamos, finalmente, que esse nosso relato sobre o *imprinting* servirá pelo menos para despertar o interesse ou a discussão sobre este importante e eventual tipo de comportamento das aves e que assim, conhecendo-as melhor, possamos todos unir esforços para trabalhar no sentido da conservação de todas elas.

ALOÍSIO PACINI TOSTES - Bonfim Paulista SP

Texto original publicado no *Atualidades Ornitológicas* 121 de 2004.

lagopas@lagopas.com.br